

RELAÇÕES DIALÓGICAS EM MATERIALIDADES VERBO-VISUAIS: UMA ANÁLISE DO *IMPEACHMENT* EM CAPAS DE REVISTAS

Geisa Fróes de Freitas *
Lícia Maria Bahia Heine **

Resumo: Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, nos cursos médios técnicos integrados, baseada nas experiências de aulas de Língua Portuguesa que envolvem análises e interpretações das materialidades verbo-visuais nas diversas manifestações discursivas cotidianas. Dedicar-se à abordagem de enunciados verbo-visuais, inspirada na perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, em que se propõe discutir e sistematizar as orientações do filósofo russo para a análise e compreensão dos diferentes planos de expressão em capas de revistas jornalísticas de circulação nacional com enfoque político, uma vez que um discurso somente se constitui a partir do outro. Desse modo, buscam-se refletir as relações dialógicas nessas dimensões, em que o verbo-visualidade desempenha papel constitutivo na produção e efeitos de sentidos de modo simultâneo. Foram selecionadas capas das revistas, a saber: Isto É, Veja e Época, entre os anos de 2015 e 2016, as quais dialogam com o mesmo contexto de produção do discurso, o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Assim, para análise dos diferentes planos de expressão dos enunciados (verbal e imagético), que se apresentam como unidade constitutiva do gênero e forma um todo indissolúvel, adotamos os fundamentos da abordagem dialógica bakhtiniana e os aportes da análise do discurso para analisar o funcionamento e os efeitos de sentidos do discurso político na mídia. Com essa pesquisa foi possível notar como a dimensão verbo-visual da linguagem participa de forma decisiva na constituição enunciativa da sociedade atual e, por isso, torna-se indispensável compreender seu funcionamento.

Palavras-chave: Dialogismo. Verbo-visualidade. Discurso político. Mídia.

DIALOGUE RELATIONS IN VERB-VISUAL MATERIALITIES: AN ANALYSIS OF IMPEACHMENT IN MAGAZINE COVERS

Abstract: This article is the result of research conducted at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Bahia - IFBA, in the integrated technical middle courses, based on the experiences of Portuguese Language classes that involve analyses and interpretations of verb-visual materialities in the various everyday discursive manifestations. It is dedicated to the approach of verb-visual utterances, inspired by the dialogical perspective of Mikhail Bakhtin and his Circle, in which it proposes to discuss and systematize the orientations of the Russian philosopher for the analyses and understanding of the different expression plans on the covers of journalistic magazines. national circulation with a political focus, since one discourse is constituted only from the other. Thus, we seek to reflect the dialogical relationships in these dimensions, in which the verb-visibility plays a constitutive role in the production and effects of meanings simultaneously. Magazine covers were selected, namely: Isto É, Veja and Época, between 2015 and 2016, which dialogue with the same context of speech production, the impeachment of former president Dilma Rousseff. Thus, to analyze the different expression planes of the utterances (verbal and imagetical), which are constitutive units of gender and form an indissoluble whole, we adopted the foundations of the Bakhtinian dialogic approach and the contributions of discourse analysis to analyze the functioning and the meaning effects of political discourse on the media. With this research it was possible to notice how the verb-visual dimension of language participates decisively in the enunciative constitution of the present society and, therefore, it is indispensable to understand its functioning.

Keywords: Dialogismo. Verb-visibility. Political discourse. Media.

Introdução

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva.
(BAKHTIN, [1979]; 2003, p. 297).

Desafiados pela natureza semiótica heterogênea de enunciados que estão presentes frequentemente na cultura ocidental e na era tecnológica, muitos estudiosos têm se debruçado ultimamente em perspectivas e teorias que contemplem os signos imagéticos e verbo-visuais em diversos gêneros discursivos. No entanto, por muitas décadas, apenas o plano verbal era objeto privilegiado nos estudos da ciência da linguagem. Apesar de os estudos linguísticos terem se distanciado em alguns aspectos do enfoque centrado na *Téchné grammatiké*, do Dionísio da Trácia (170 a.C. — 90 a.C.), a valorização exclusiva no código verbal representa um fio condutor entre as primeiras reflexões gramaticais greco-latinas e a ciência linguística. Partindo dessa reflexão, a questão que se coloca é: como definir, descrever, analisar também como objeto de estudos, esse novo plano (verbo-visual), essa nova realidade contemporânea com o mesmo rigor teórico-metodológico atribuído à dimensão verbal?

Motivados por essa problemática, desenvolvemos nossa pesquisa baseada nas experiências das aulas de Língua Portuguesa que envolvem análises e interpretações das materialidades verbo-visuais nas diversas manifestações discursivas cotidianas nos cursos médios técnicos integrados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA (*campus* Feira de Santana).

Para essa questão, buscamos discutir e sistematizar as contribuições de Bakhtin e seu Círculo para compreensão das relações dialógicas do enunciado verbo-visual nas capas de revistas de circulação nacional cuja temática focaliza o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff para então analisar os planos de expressão das capas (verbal e visual), articulando o conceito de dialogismo a outros conceitos e categorias discursivas como as de condições de produção, efeitos de sentidos, ideologia, memória, interdiscurso, *ethos*, para interpretar o funcionamento do discurso político na mídia.

Bakhtin mesmo atesta que “[...] as relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva [...]”

(BAKHTIN, 2003, p. 323); por isso, “[...] dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica.” (BAKHTIN, 2003, p. 323).

Para tanto, o projeto discursivo verbo-visual, característico da esfera jornalística, compõe o conjunto de materialidade sincrética de enunciados (o verbal, a fotografia, a ilustração, o gráfico). Consideramos assim, que o texto é concebido como uma unidade simbólica que se formula em uma, duas ou mais linguagens, sob a forma de um dado gênero do discurso, produzida em determinadas condições históricas de produção e materializada em um suporte que lhe dá corpo e a transmite por um ou mais canais (PIOVEZANI, 2009).

Adotar-se-á a concepção de texto designada como semiótico-ideológica, que ultrapassa a dimensão estritamente verbal, e amplia e reconhece o visual, o verbo-visual, o gráfico, entre outros, como constituição de um enunciado concreto, de sua inerente propriedade discursiva. Portanto, conforme Brait, “[...] o texto deve ser analisado, interpretado, reconhecido a partir dos mecanismos que o constituem, dos embates e das tensões que lhe são inerentes.” (BRAIT, 2008, p.195). Desse modo, as análises devem apreender as relações dialógicas interdiscursivas entre os componentes visuais e o verbal escrito, mesmo que ocorra dissonância ideológica.

É possível notar que, com relação à esfera jornalística, mesmo que as revistas não compactuem de uma mesma formação ideológica, compartilham, por sua vez, de um projeto de composição verbo-visual sempre articulados, na disposição gráfica das capas, mantendo um forte diálogo na arquitetura discursiva.

Assim, notamos que o princípio dialógico bakhtiniano traz uma contribuição decisiva para os estudos discursivos, pois considera que a “relação entre os discursos é o dialogismo” (BRAIT, 2008, p. 167), à medida que um discurso somente se constitui a partir do outro. Nesse viés, tomaremos o dialogismo de Bakhtin como uma categoria fundante para a análise dos discursos verbo-visuais, objeto desta reflexão.

1 Dialogismo bakhtiniano em questão

O conceito de dialogismo é bastante relevante para as teorias e análises do texto e do discurso, pois para Bakhtin (2003), o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido no enunciado.

Segundo Bakhtin, “[...] o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal.” (BAKHTIN, 1992, p. 123). Mas pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação oral, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. Nesse sentido, o dialogismo é constitutivo da linguagem, pois mesmo entre produções monológicas, observamos sempre uma relação dialógica; portanto, todo gênero é dialógico.

A partir do princípio dialógico bakhtiniano, considera-se que não há texto completo ou fechado em si mesmo, pelo contrário, textos e discursos estabelecem uma relação dialógica constitutiva com outros textos e discursos que os antecedem e deles se derivam. Nesse sentido, todo enunciado mantém relações com enunciados já produzidos anteriormente, conforme observamos no excerto textual a seguir:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). (BAKHTIN, 2003, p. 275).

De acordo com Brait (2008), os discursos se entretecem numa relação dialógica à medida que um discurso somente se constitui a partir do outro. Sabe-se que um enunciado não existe fora das relações dialógicas, conforme aponta Bakhtin:

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2003, p. 297).

Os sujeitos se relacionam constantemente por meio da linguagem que, para Bakhtin, é constitutivamente dialógica. Assim, por meio dela é que se percebem as constituições ideológicas a que os discursos remetem. Entre os indícios da natureza dialógica, da heterogeneidade da linguagem, Brait aponta “[...] a preocupação com

dimensão histórico-ideológica e a conseqüente constituição sígnica das ideologias; a insistência na discussão de uma natureza interdiscursiva, social e interativa da palavra.” (BRAIT, 1997, p. 93).

Ademais, Bakhtin (1992) defende que o dialogismo é propriedade fundamental da linguagem (seja como língua, seja como discurso), princípio que se estende à sua concepção de mundo e de sujeito. Há uma dialogização interna da linguagem, uma vez que a palavra de um é inevitavelmente atravessada pela palavra do outro: “[...] os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro.” (FIORIN, 2006, p. 19).

Todo enunciado não existe isoladamente, mas sempre atravessado pelos enunciados dos outros. Dessa maneira, segundo Fiorin, o enunciado é a réplica a um diálogo e “[o] dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.” (FIORIN, 2006, p.19).

Assim, a questão do dialogismo ocupa um espaço fundamental na arquitetônica bakhtiniana, já que basta compreender que “tudo parece se relacionar com tudo, em um eterno diálogo que sempre buscará uma completude no Outro. E, exatamente por só no Outro ser possível uma completude”, podemos perceber que nada está pronto, acabado, estabilizado (BRAIT,1997). Sobre esse conceito, Bakhtin considera que as relações dialógicas são:

[...] um fenômeno bem mais amplo que do que as relações entre réplica do diálogo expresso composicionalmente — são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana. (BAKHTIN, 2008, p. 47).

Partindo dessa compreensão, as imagens, assim como o enunciado verbal, devem ser compreendidas como enunciado que também é capaz de manifestar um eco, um diálogo com outras imagens, já que toda coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa que é dada, todo discurso é uma resposta a outros enunciados já produzidos.

2 O enunciado verbo-visual e a perspectiva semiótico-ideológica da linguagem

Ao assumir as particularidades da construção discursiva da imagem, urge pensar em constructos teóricos e metodológicos para tratar essa dimensão específica da visualidade.

Destarte, buscamos recuperar, nas obras de Bakhtin e do Círculo, pensamentos que contribuam para a leitura e análise do verbo-visual, pois entendemos que a teoria bakhtiniana da linguagem é uma teoria do discurso, que trabalha com enunciados situados, sempre em tensão; logo, necessariamente, tomaremos as relações dialógicas como uma categoria fundante para a análise do verbal, do visual e, conseqüentemente, do verbo-visual, objeto desta reflexão.

Conforme os estudos de Bakhtin/Volochínov, “[...] a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias etc.) (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997a, p. 128). “Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997b, p. 38).

Ademais, de acordo com Brait (2011), o princípio arquitetônico visual e verbo visual só pode ser compreendido a partir dos conceitos de texto e discurso e com a ligação com o signo ideológico. Nesse sentido, a concepção de texto aqui assumida, que pode ser designada semiótico-ideológica¹, ultrapassa a dimensão exclusivamente verbal e reconhece o visual, e o verbo-visual.

Na verdade, em todos os trabalhos do Círculo há uma ideia de uma teoria da linguagem ampla, e não exclusivamente vinculada ao linguístico. Portanto, a perspectiva semiótico-ideológica, juntamente com o que Voloshinov (1997b) vai designar como signo ideológico, se constitui enquanto fundamento para leitura do visual, ainda que ele não tenha se dedicado ao estudo da imagem.

Voloshinov (1997b) discute a relação entre signo e consciência, em que ele se refere à materialidade do signo em geral e não somente do signo verbal:

Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu

conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997b, p.35-36).

Nessa perspectiva, “[...] todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica, isto é: se for verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc. [...]” (BAKHTIN, 2000, p. 32), e ainda, “[...] tudo que é ideológico possui um valor semiótico.” (BAKHTIN, 2000, p. 32), ou seja, coloca todos os fenômenos ideológicos sob uma mesma definição geral. O signo ideológico não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico.

Para tratar as questões do verbo-visual, compreenderemos as dimensões verbal e visual articulados, organizados num mesmo plano de expressão, numa combinatória de materialidades que dialogam entre si e se completam, considerando que o verbo-visual e, portanto, imagens (cores, figuras, lugar que ocupam no espaço enunciativo etc.) e sequências verbais estão inteiramente articuladas, interatuantes, a partir de um projeto discursivo. Assim, por essa razão, para efeito de análise e produção de sentidos, não podem ser analisadas separadamente.

Ademais, nossa compreensão acerca da linguagem verbo-visual apoia-se nas considerações de Brait: “[...] a dimensão verbo-visual da linguagem participa ativamente da vida em sociedade e, conseqüentemente, da constituição dos sujeitos e das identidades.” (BRAIT, 2009, p. 143). Para a autora, em determinados textos ou conjuntos de textos, artísticos ou não, a articulação entre os elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel, cuja unidade exige do analista o reconhecimento dessa particularidade. “São textos em que a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual e, em especial, das formas de junção assumidas por essas dimensões para produzir sentido.” (BRAIT, 2009, p. 143).

Desse modo, para a referida autora, a linguagem verbo-visual é tomada como um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual participam, com a mesma força e importância, o verbal e o visual. Essa unidade de sentido, esse enunciado concreto, por seu turno, será constituído a partir de determinada esfera

estético-ideológica, interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção.

3 Discurso político e mídia

O processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff gerou muitas discussões no cenário político, estampando capas de jornais e revistas nacional e internacional. Considerando a relevância do acontecimento, uma discussão sobre a relação política e mídia faz-se necessária.

É crescente o número de estudos que se debruçam nas relações entre política e mídias nas sociedades contemporâneas. É notada uma mutação no discurso político que atravessou anos de reformulação da prática política. Historicamente,

[...] a partir dos anos sessenta, a abertura dos meios autoritários e uma expressão mais segura das sensibilidades individuais provocaram a emancipação progressiva do aparelho audiovisual, o lento abandono do controle do Estado sobre a informação política. (COURTINE, 2003, p. 24).

No Brasil, o processo de trinta anos de redemocratização ocorrido no século XX leva a um reordenamento do fazer político. “É evidente que o processo de espetacularização da política provocada exclusivamente no interior da mídia se consolidou no período pós-ditadura, com o fortalecimento da própria mídia.” (SÁ, 2017, p. 78).

Para Chauí, “[...] na política, as imagens tornaram-se muito sofisticadas e complexas porque precisam garantir, simultaneamente, estabilidade e permanência ao poder e sua adaptabilidade, flexibilidade e dinamismo para responder às conjunturas.” (CHAUÍ, 1992, p. 386), isto é, a política inseriu-se nos padrões midiáticos pós-modernos. Percebe-se uma renovação de uma semiologia política, sobretudo com a era da imagem, quando a fala política deixou de ser prioritariamente verbal, explorando mecanismos da publicidade, dos mecanismos audiovisuais e do *marketing*.

Sobre essa questão, Courtine, observando também as mutações do discurso político, conclui:

[...] o discurso político não pode mais ser dissociado da produção e recepção de imagens [...]. A mensagem política não é mais unicamente linguística, mas uma colagem de imagens e uma performatividade do discurso, que deixou de ser prioritariamente verbal [...]. A mutação dos modos de comunicação política exige a renovação de uma semiologia da mensagem política que permitirá sua apreensão global. (COURTINE, [1987] 2006, p. 85).

Ademais, para Charaudeau, “[...] as mídias compreendem bem que o mundo político tem necessidade de dramaturgia, e que essa dramaturgia consiste, para uma grande parte, em uma guerra de imagens para conquistar imaginários sociais.” (CHARAUDEAU, 2008, p. 85).

Nas palavras de Charaudeau, o discurso político está intimamente ligado ao poder, portanto, as mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública. As mídias, por sua vez, “[...] são uma instância de poder. Essa instância deve ter a capacidade de gerir e influenciar comportamentos dos indivíduos que vivem em sociedade.” (CHARAUDEAU, 2008, p. 85). Ademais, para Charaudeau:

O discurso da instância midiática encontra-se, portanto, entre um enfoque de cooptação, que o leva a dramatizar a narrativa dos acontecimentos para ganhar a fidelidade de seu público, e um enfoque de credibilidade, que o leva a capturar o que está escondido sob as declarações dos políticos, a denunciar as malversações, a interpelar e mesmo acusar os poderes públicos para justificar seu lugar na construção da opinião pública. (CHARAUDEAU, 2008, p. 63).

Assim, para o autor supracitado, “a ideologia do “mostrar a qualquer preço” e do “selecionar o que é o mais surpreendente”, faz com que se construa uma imagem fragmentada do espaço público, uma visão adequada aos objetivos das mídias, mas bem afastada de um reflexo fiel.

Como sabemos todo discurso é ideológico, sobretudo, o discurso político, que se revela lugar privilegiado de manifestação ideológica. Como os signos não são neutros, expressam os valores de uma dada comunidade, como afirma Bakhtin/Volochínov: “Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997b, p. 38). Nesse sentido, a organização das capas constituídas por signos verbo-visuais expressa ou reforça os enunciados verbais das manchetes. Por isso, apesar de um enunciado composto de

modo fragmentado por manchetes e imagens, as capas apresentam uma unidade enunciativa concreta, organizada por um tema. É este que gerencia a edição e a seleção das reportagens e dos textos que a integram. Como se sabe, uma revista é organizada em função dos fatos imediatos de maior destaque. Sendo assim, as capas são elaboradas em torno da manchete principal articulada à imagem, em função das quais o conjunto é elaborado (PUZZO, 2012).

De acordo o Círculo, todo enunciado é resultado de um posicionamento ideológico e é socialmente dirigido. As capas, por sua vez, com efeito persuasivo que decorre da convergência do tratamento estético da linguagem verbal articulada à visual. Nessa permeabilidade discursiva, é preciso ressaltar ainda que “[...] a escolha dos fatos a serem noticiados se deve não só à importância que assumem num determinado contexto, mas também ao interesse da empresa em divulgá-los, expressando indiretamente sua ideologia.” (PUZZO, 2012, p. 96).

Vale destacar que as capas de revistas selecionadas foram produzidas e circuladas durante o processo de pedido de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff no final do ano de 2015. Tal solicitação consistiu em uma questão processual aberta com vistas ao impedimento da continuidade do mandato de Dilma Rousseff, como presidente da República Federativa do Brasil. As acusações versaram sobre desrespeito à lei orçamentária e à lei de improbidade administrativa por parte da presidente, além de lançarem suspeitas de envolvimento da mesma em atos de corrupção na Petrobras, que eram objeto de investigação pela Polícia Federal, no âmbito da Operação Lava Jato.

4 Análise de capas de revistas: dialogismo e verbo-visualidade em cena.

Conforme dissemos, nossa pesquisa foi motivada por intensas reflexões em torno da leitura e análise do discurso verbo-visual, visto que sua presença na sociedade contemporânea é bastante produtiva e, por isso, tem se tornado objeto de investigação nos estudos da linguagem, em seus diferentes vieses, linguístico, discursivo, enunciativo. Desse modo, consideramos nas aulas de língua portuguesa a verbo-visualidade como constitutiva dos enunciados contemporâneos, sobretudo aqueles produzidos nas mídias.

Para Maingueneau “[...] um texto publicitário é fundamentalmente imagem e palavra; nele, até o verbo se faz imagem.” (MAINGUENEAU, 2002, p. 12). Partindo dessa reflexão, sem dúvida, no campo da publicidade e nas mídias em sua maioria, os planos de composição sígnica amparam tanto a parte verbal quanto a não-verbal do discurso, possibilitando para cada um desses modos de apresentação textual a sua materialização informativa, isto é, o plano da expressão e do conteúdo que estão presentes tanto para o verbal quanto para o não-verbal no texto.

As capas de revistas, neste caso, nosso *corpus* da pesquisa, constituem um discurso multimodal, verbal e visual, que sustenta os argumentos ideológicos da revista, ou seja, há uma constante interação entre o editorial e a capa na perspectiva de que os aspectos multimodais da capa sustentam os argumentos do editorial. Isso é pertinente porque o leitor da revista observa o que é mais saliente no campo visual. Assim partimos do pressuposto de que a capa também é um texto argumentativo que também visualiza a formação ideológica da revista.

Serão analisados assim, o verbal e o visual numa mesma dimensão valorativa, considerando constitutivas e complementares no gênero jornalístico escolhido, as capas de revistas de circulação nacional, nas esferas de produção, circulação e recepção. A análise buscará apreender as relações dialógicas entre as imagens e os textos que compõem as capas das revistas.

As capas selecionadas para análise do verbo-visualidade possuem um mesmo contexto de produção: a crise ética em que atravessa o governo da presidente Dilma Rousseff e o suposto golpe, o *impeachment*², almejado pelos opositores no Congresso e, também, por parte da população brasileira.

Esse enunciado concreto, isto é, as capas das três revistas jornalísticas explicitam aspectos indicativos da dialogia entre elas, considerando o momento histórico em que as situa, o que possibilita verificar o jogo argumentativo da “queda” da presidente Dilma Rousseff, através de imagens do corpo da presidente e de expressões verbais.

De acordo com Bakhtin “[...] cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados.” (BAKHTIN, 2000, p. 291). Assim, é possível, a partir das análises das capas de revista, a compreensão da teia dialógica que se estabelece entre elas, considerando os saberes extralinguísticos.

As relações dialógicas nas capas em destaque, articula os diferentes planos de expressão da linguagem que, por sua vez, coloca em cena a multiplicidade de diálogos que trazem em sua constituição memórias e interdiscursos, acionados através do linguístico e do extralinguístico, que apontam para questões histórico-ideológicas frente ao contexto de produção do discurso, isto é, a crise do governo Dilma, que atinge diretamente a imagem da presidente.

Assim sendo, as análises da dimensão verbo-visual nos levam a defrontar com a riqueza sintática e semântica das cores, da perspectiva da imagem, do tom empregado, da cenografia como um todo. Partindo da composição multimodal, nota-se, nos enunciados verbo-visuais, um complexo jogo de diversas composições e elementos, espaços entre a imagem e o texto verbal, enquadramento, cores, perspectiva da imagem, escolhas lexicais etc.; um programa de leitura que joga com o saber histórico, cultural e político.

Desse modo, a análise não se daria somente sob uma perspectiva interna ou externa, mas na amplitude do diálogo, nas interações, nas relações dialógicas, pois conforme Bakhtin, “[...] o dialogismo é um princípio que governa toda prática linguageira e toda prática humana.” (BAKHTIN, 2008, p. 38-39).

No caso do discurso político, este encarna, como nenhum outro, a possibilidade de estar marcado pelo caráter dialógico com suas redes, ecos, vozes. Desde modo, buscamos amadurecer esse múltiplo olhar sob a materialidade imagética do discurso político mediatizado, considerando todos os elementos que compõem o todo significativo chamado enunciado sincrético.

Nesse sentido, nossa pesquisa seguiu as seguintes etapas: a) pesquisa sobre o acontecimento discursivo *impeachment*; b) coleta de matérias publicadas em jornais e revistas sobre a temática; c) seleção do *corpus* da pesquisa; d) leitura e análise das capas de revistas a partir de conceitos trabalhados em sala de aula: dialogismo, condições de produção do discurso, efeitos de sentidos, memória etc. e) problematização em torno da construção do impeachment da presidente Dilma Rousseff e a dimensão enunciativa verbo-visual das capas de revistas.

Foram selecionadas seis capas de três revistas, a saber – duas capas da **Isto é**, duas capas da **Veja** e duas capas da **Época**, que foram publicadas em 2015 e 2016 no decorrer do processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff:

Figura 1: Capas da revista Isto É



Fonte: twitter.com/revistaisto

Figura 2: Capas da revista Veja



Fonte: veja.abril.com.br

Figura 3: Capas da revista Época



Fonte: epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/10/dilma-sob-ataque.html

O fato descrito foi amplamente divulgado pela mídia brasileira nacional e internacional. Interessa, para efeitos do presente trabalho, examinar as capas de revistas impressas, a partir da materialidade verbo-visual para compreender como se constrói o discurso sobre um importante acontecimento da política, como o processo que culminou na destituição da primeira mulher presidente da história do Brasil.

De acordo com Brait (1996), a primeira página dos jornais e as capas de revistas desempenham um papel decisivo na avaliação antecipada das ocorrências factuais do contexto imediato, justamente por ser essa a sua função comunicativa, geralmente, antecipa o tom da reportagem reforçando-a. Nesse sentido, a capa da revista é por onde se dá o primeiro contato do leitor com o conteúdo da revista. Sua mensagem é construída por meio da integração de elementos semióticos diversos, como a aplicação das cores, a perspectiva da fotografia e a produção do texto/manchete, isto é, do enunciado verbo-visual.

De acordo com Hernandes (2006), a fotografia funciona como um chamariz, porque tem como estratégia chamar a atenção do leitor e convencê-lo:

Uma fotografia deve ser uma das principais iscas para o olhar em uma página, ou seja, uma das mais importantes armas na estratégia de arrebatamento e de sustentação. Com suas cores, contrastes, ocupação espacial, a foto precisa atrair a atenção do leitor para a unidade noticiosa da qual faz parte. O olhar deve ser fisgado. É a estratégia de arrebatamento. O leitor precisa ainda se interessar pelo conteúdo. A foto deve depois encaminhar o leitor para a parte verbal, ou seja, apresentar uma estratégia de sustentação geral que também tenha êxito. (HERNANDES, 2006, p. 214).

Na esteira do tema do *impeachment*, as capas das revistas exploram temas polêmicos e acusações a respeito da lei orçamentária e da lei de improbidade administrativa por parte da presidente etc., que corroboraram para reforçar o julgamento do *impeachment* da candidata que acabou sendo justificado pelas “pedaladas fiscais”. Além das informações contextualizadas, a revista explora aspectos mais contundentes, que dizem respeito ao tratamento das imagens, principalmente a da capa. Nela, a proposta temática não se reduz a manchetes informativas, mas traz, também, um julgamento de valor antecipado que implicitamente se impõe ao leitor, conduzindo-o a atitudes responsivas afinadas com o tom da reportagem interna.

Desse modo, consoante Bakhtin (1997), o fenômeno ideológico se materializa na linguagem e é mais facilmente reconhecido através do olhar atento sobre a palavra em sua dupla materialidade: como signo físico-material e como signo sócio-histórico, pois os sistemas de signos, além dessa dupla materialidade, são produzidos como signos ideológicos que refletem e refratam a realidade.

Podemos dizer que o campo político é uma arena constituída de diálogos, de confrontos, de polêmicas e de tensão e, como vimos, as manchetes das capas de revistas e de jornais de temática política geralmente fortalecem essa prática discursiva. Podemos notar que as revistas construíram uma cenografia a favor do afastamento da presidente, trazendo como foco das capas a imagem de uma mulher preocupada, abatida, derrotada. Assim, a partir dos estudos e análises realizadas no curso da pesquisa, podemos dizer que as publicações de grande parte das mídias impressas contribuíram, de algum modo, com a construção do discurso de acusação contra a presidente e fortaleceram as manifestações populares nas ruas, mais conhecido como o “tchau querida!”.

Percebemos também nas capas em análise que o dialogismo se constitui na formulação da imagem da presidente, ou seja, do *ethos* semiotizado³, pois observamos que a construção da imagem da presidente, a partir das fotos do anunciante, é apresentada de perfil e de costas, cabisbaixa, com o olhar e expressão corporal e facial abatidos, com semblante triste e preocupado; sua postura encurvada, desenhado pela sombra. Pode-se assim dizer, que a diagramação que se projeta nas capas é dispositivo de produção da verdades que impõem um modo ou modos de ler o enunciado. Assim, o enquadramento da imagem (fotografia), o ângulo em que é captada, o jogo de cores e sombras, a proximidade ou o distanciamento criam efeitos diferenciados, cujas consequências recaem na recepção dessas imagens que, por sua vez produzem efeitos de sentidos, sobretudo em domínios nos quais as implicações ideológicas de determinadas cores e de determinadas formas acionam uma memória.

A imagem retoma, transforma, produz imagens, nos mostrando uma arqueologia de imaginários. De acordo com Belting (2006, s/p) o corpo é uma “mídia viva” no seu sentido mais lato, que seleciona, organiza, redistribui as imagens que compõem a construção das imagens que fazemos de nós e de nosso mundo com lugar e momentos específicos.

Embora as revistas sigam, geralmente, um mesmo padrão de construção composicional das capas de revistas, os jogos argumentativos nos planos verbal e visual contemplam as estratégias persuasivas diferentemente em cada revista, e revelam seu estilo e sua formação discursiva e, conseqüentemente, ideológica, contribuindo para a compreensão das formas de produção de sentidos e dos efeitos de sentido.

Verificamos, no plano verbal, que a produção enunciativa das capas das revistas aponta para construção semântica em torno do tema *impeachment*: “O que falta para ela **sair**?”; “Por que **caem** os presidentes”; “Dilma **sob ataque**”; “Ela **resiste**?”. Todas abordam suas percepções em torno da problemática tratada, fazendo sua entoação avaliativa e valorativa, exigindo uma atitude responsiva do enunciatário. Além disso, a edição da revista faz também as escolhas verbo-visuais que julga serem as coerentes para que o propósito comunicativo do gênero seja atingido, pois como sabemos, as escolhas não são aleatórias, são fruto de um movimento ideológico e sócio-histórico e/ou da ideologia do próprio grupo criador da revista.

O plano visual, por sua vez, introduz uma ordem do olhar para o signo imagético; “[...] a postura gestual, a expressão facial, o jogo de luz e sombra que se projeta sobre a figura fotografada, bem como sua colocação na capa, são traços relevantes que impõem um modo de ler o enunciado.” (PUZZO, 2012, p. 103), embora a concepção generalizada de que a foto é o retrato fiel da realidade ou a sua ilustração. O tom da ameaça do *impeachment* é engendrado na perspectiva da imagem, no emprego da tonalidade acinzentada e sombria, na fisionomia tensa, na expressão do olhar agravados.

Desse modo, as capas, em que verbo e imagem completam-se e dialogam num mesmo espaço enunciativo, mobilizando sentidos, memórias e interdiscursos a partir de seus recursos semióticos, não podem ser considerados enunciados únicos ou isolados, pois há sempre enunciados anteriores e posteriores, o que nos leva à questão metodológica do enfrentamento do todo, uma vez que, verbal e visual trazem sempre um já-dito, uma memória discursiva.

Além disso, observamos que os títulos das capas, as manchetes e as imagens constroem o acontecimento discursivo político do *impeachment*, além da formatação

da arquitetura discursiva das capas pode ordenar ou direcionar o olhar do leitor, contribuindo para formação da opinião pública.

Em síntese, vimos que o enfoque das capas da *Veja* construiu sentidos que implicaram a presidente Dilma e o seu governo em crimes de corrupção, trazendo à baila elementos que endossam a sua destituição do cargo de presidente, apelando para a sua imagem de costas, sugerindo sua saída do governo, além de elencar argumentos como a sua impopularidade, a falta de apoio no congresso e a queda na economia do país, defendendo explicitamente o impeachment. A Isto é, por conseguinte, também mobiliza o discurso de afastamento e condenação da presidente, quando questiona o que falta para ela sair e traz a imagem da faixa presidencial pendurada num suporte, deslegitimando a autoridade da presidente em ocupar a Presidência da República. Enquanto a *Época* problematiza a situação de ataque à presidente, questionando sua resistência diante da declinação de alguns partidos e de aliados dos quais perdeu o apoio que tinha no Congresso, que culminou, conseqüentemente, em uma votação em plenário, de 61 votos a favor e 20 contra o impedimento.

Em geral, as imagens em destaque nas capas são muito significativas e apresentam a presidente sob uma perspectiva negativa. Os enunciados verbo-visuais instauram a imagem da presidente Dilma Rousseff como uma gestora incapaz de articulação com o congresso.

Como se nota, a dimensão verbo-visual do enunciado tornou-se cada vez mais imperativa nas mídias em geral. As capas de revistas sobre o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff constituídas pelo verbal e pelo visual revelam ecos e convocam memórias da história da política brasileira, visto que o primeiro processo de *impeachment* do Brasil e da América Latina ocorreu no governo Fernando Collor, no final dos anos 1992, até então, o único caso em que esse instrumento constitucional foi usado na história do nosso país. Embora as condições de produção dos *impeachments* dos ex-presidentes Dilma e Collor tenham sido distintas, o enfrentamento da crise econômica e a impopularidade foram fatores comuns aos dois governos.

Considerações finais

O trabalho com a dimensão verbo-visual nas aulas de Língua Portuguesa, baseado no pensamento dialógico bakhtiniano e apoiado nos estudos discursivos, desempenha um papel significativo na leitura das discursividades contemporâneas, pois a combinação de diferentes linguagens, diferentes planos de expressão constitui um desafio e exige empenho e rigor teórico-metodológico para sua compreensão.

A partir da perspectiva dialógica bakhtiniana, concluímos que não há enunciados únicos ou isolados, há sempre enunciados anteriores e posteriores, o que nos leva à questão metodológica do enfrentamento do todo. Buscamos então, em uma análise, olhar todos os aspectos que ali estão engendrados, admitindo que há, no pensamento bakhtiniano, metodologia de estudo da linguagem multimodal.

Além do mais, de acordo com Navarro (2012), o tratamento dado à imagem por outras perspectivas teóricas, sobretudo aquelas que configuram a área da comunicação ou o campo da Semiótica e da Semiologia, também poderia oferecer ao analista e ao professor algumas ferramentas para a abordagem desse tipo de materialidade, além de compreender o funcionamento da linguagem verbo-visual presente na mídia como recurso auxiliar à prática didática na formação de leitores mais críticos.

Ademais, considerando o *impeachment* um importante acontecimento da história da política brasileira, ainda muito recente, nos conduziu a refletir sobre o funcionamento da mídia e seu poder de construir significados, a partir de discursos verbais e não-verbais, capazes de desqualificar, deslegitimar, julgar e condenar, antes mesmo dos ritos processuais da Justiça.

Desse modo, vale ressaltar a importância de um estudo que se preocupe com a formação de opinião e desperte no leitor a compreensão do funcionamento discursivo: dialógico, ideológico, histórico, partindo da premissa de que todo discurso se constrói em função de um outro, todo discurso se constrói no processo de dialogismo e historicidade.

Notas

* Geisa Fróes de Freitas é doutora pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. E-mail: gff_ba@hotmail.com

** Lícia Maria Bahia Heine é Professora Doutora, Titular do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. E-mail: liciaheine@uol.com.br

¹ A expressão semiótico-ideológica está sendo aplicada com base na articulação de pensamentos presentes em textos da Estética da Criação Verbal e em Marxismo e Filosofia da Linguagem.

² O impeachment consistiu em uma questão processual aberta com vistas ao impedimento da continuidade do mandato de Dilma Rousseff como presidente da República Federativa do Brasil. O processo iniciou-se com a aceitação, em 2 de dezembro de 2015, pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, de denúncia por crime de responsabilidade oferecida pelo procurador de justiça aposentado Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal, e se encerrou no dia 31 de agosto de 2016, resultando na cassação do mandato de Dilma. Assim, Dilma Rousseff tornou-se a segunda pessoa a exercer o cargo de Presidente da República a sofrer impeachment no Brasil, sendo Fernando Collor o primeiro em 1992.

³ O sintagma “ethos semiotizado” foi utilizado pela primeira vez por Baronas (2011) em um artigo intitulado Blogs de comentários políticos: algumas notas sobre ethos semiotizado.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 8ed. São Paulo: HUCITEC, 1997a.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV, V. N.). Estudo das ideologias e filosofia da Linguagem. In: BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 8ed. São Paulo: HUCITEC, 1997b, p.31- 38.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão; revisão de tradução de Mariana Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.307-335.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade artística. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.3-192.

BAKHTIN, Mikhail. Apontamentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.367-392.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BRAIT, Beth. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1996. p. 69-92.

BRAIT, Beth. **O texto irônico**: fundamentos teóricos para leitura e interpretação. In: Letras. Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS) [Propostas de Estudos Avançados em Linguística e Literatura.], V. 15, julho/dezembro, 1997, pp. 11- 28.

BRAIT, Beth. Contribuições bakhtinianas para a análise do verbo-visual. In: BASTOS, N. M. B. (Org.). **Língua Portuguesa**: lusofonia, memória e diversidade cultural. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2008, p.257-269.

BRAIT, Beth. **Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, v. 5, p.183-196, 2011.

BRAIT, Beth. **A palavra mandioca**: do verbal ao verbo-visual. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso, 2009, v. 1, p.142-160.

CHAUI, Marilena. **Ética**. (Org). Adauto Novaes. Companhia de Letras: 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso** – modos de organização. Coordenação da equipe de tradução Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. A política como espetáculo. In: GREGOLIN, M. do R. **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21-34.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

HERNANDES, Nilton. **A Mídia e seus Truques** – o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Maria Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NAVARRO-BARBOSA, P. L. O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: NAVARRO, P. (Org.). **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2012.

PIOVEZANI, Carlos. Política midiaticizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade. In: GREGOLIN, M do R. (Org.) **Discurso e Mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 49-66.

PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, Corpo e Voz**: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PUZZO, Miriam Bauab. **A linguagem verbo-visual na construção de sentido em capas da revista veja**. Revista Intercâmbio, v. XXV: 92-105, 2012. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x.

SÁ, Israel. A arte de dizer a política: processos de espetacularização do discurso político no Brasil. In: SARGENTINI, V. **Mutações do discurso político no Brasil**: espetáculo, poder e tecnologias da comunicação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2017. p. 59-83.

Recebido em: abril de 2019.

Aprovado em: julho de 2019.